

Outro retrato do Brasil: cultura e história na obra crítica de Otto Maria Carpeaux

Aluna: Nayara Fernandes Coelho

Orientador: Prof. Dr. Maurício Barreto Alvarez Parada

Este trabalho é o resultado de minha pesquisa como bolsista de Iniciação Científica (PIBIC), orientada pelo professor Maurício Parada e intitulada: “*Outro retrato do Brasil: cultura e história na obra crítica de Otto Maria Carpeaux*”. Nessa pesquisa nos dedicamos a estudar e investigar a experiência de exílio, uma consequência da imigração em massa que ocorreu durante as décadas de 1930 e 1940 e tendo como principal causa as políticas anti semitas do governo nazista da Alemanha. Entre os que imigraram, estavam artistas, intelectuais e literatos europeus, muitos dos quais vieram para o Brasil. A partir do trabalho com essa pesquisa, entrei em contato com o acervo fotográfico do Instituto Moreira Salles. Lá, pesquisei o trabalho de vários fotógrafos exilados; dentre eles, está a fotógrafa Alice Brill. Esse trabalho é um primeiro movimento para mapear e compreender a trajetória do deslocamento vivido por Brill.

O século XX foi marcado por diversos conflitos étnicos, culturais e políticos. Dentre eles, destacariam-se a Primeira e a Segunda Guerra Mundial; a descolonização dos países do continente Asiático e Africano; e a luta contra a segregação racial nos Estados Unidos nos anos de 1960 e na África do Sul durante o regime do Apartheid. Esses conflitos marcaram profundamente a sociedade global e causaram impactos, como por exemplo, o deslocamento de pessoas; a criação de novas identidades e compreensões sobre o mundo Ocidental.

Entre os anos de 1930 a 1940 ocorreu um grande fluxo de imigração europeu provocado, principalmente, pela ascensão do nazismo e, conseqüentemente, pela criação de políticas anti semitas; que forçaram mais de 500 mil judeus a percorrer o caminho de exílio. América Latina foi um dos principais destinos, sendo o Brasil o segundo país a receber mais expatriados. Entre eles, estavam muitos intelectuais e artistas que foram fundamentais para a construção dos movimentos modernistas dos anos de 1940 e 1950.

A trajetória da artista plástica e fotógrafa alemã Alice Brill, pode ser um exemplo dessa história, sua obra esteve ligada ao movimento modernista dos anos de

1940 a 1950 no Brasil e sua trajetória nos permite compreender as histórias desenvolvidas nesse fluxo de imigração e as consequências do exílio causado pelo anti semitismo. Para a análise da vida e obra de Brill é necessário compreender a sociedade em que a artista se encontrava, sua formação acadêmica e os seus trabalhos como fotógrafa, através da junção desses pontos é possível entender uma ampliação da percepção sobre os movimentos culturais e políticos vividos por Brill.

Alice Brill nasceu na Alemanha em 13 de dezembro 1920, na cidade de Colônia. Seus pais eram o artista plástico Eric Brill e a jornalista Marte Brill que se separaram quando ela tinha 1 ano, por isso, ela passa a infância com a avó materna e com a mãe. Tanto Marte quanto Eric Brill eram de famílias judias e mesmo não praticando a religião, eles sempre estiveram atentos a questões relacionadas ao judaísmo, como demonstram as diversas viagens feitas por Eric Brill a Palestina e a intensa pesquisa de Marte Brill na Espanha sobre os Sefardistas.¹

Marte e Alice Brill passaram a maior parte dos anos de 1920 na cidade de Hamburgo, uma cidade com cerca de 20 mil judeus, e que possuía um ambiente cosmopolita. Em 1920, o Partido Nacional Socialista apresentou, em Munique, um programa anti semita, nele ficava claro quais eram os requisitos para se tornar um cidadão alemão, Alice Brill não se encaixava nos requisitos por ser de origem judaica. Esta década também foi intensa para a vida particular de Alice Brill e de sua mãe; por conta do trabalho de Marte, elas fizeram muitas viagens. Em 1931, Marte Brill foi demitida da Radio onde trabalhava, tentou outros jornais até 1933, porém, com ascensão do nazismo, foi alertada pelos amigos da necessidade de deixar a Alemanha já que o seu trabalho em rádio a deixou muito visada por sua militância feminista e de esquerda.

Alguns autores da segunda metade do século XX são importantes para estas discussões, por abordar temas ligados a experiência de exílio e a importância das dinâmicas migratórias para a eclosão de vanguardas artísticas e discussões sobre política, identidades e para as novas formações de estados. Entre esses autores estão os críticos literários: Edward Said e Homi Bhabha e o sociólogo Stuart Hall, suas pesquisas são vinculadas as consequências que os deslocamentos migratórios causam dando início a uma cultural que esta em crescente transformação (híbrida) e que consequentemente cria novas interpretações acerca da modernidade.

¹Sefardista são judeus espanhóis expulsos do país no final do século XV.

Edward Said (1935-2003) nasceu em Jerusalém e passou a maior parte de sua infância no Egito, frequentou escolas inglesas no Cairo por influência de seu pai que possuía cidadania americana, mais tarde foi para os Estados Unidos onde concluiu seus estudos, em 1963 se tornou professor de literatura comparada em Columbia. Dentre sua obra, destacamos dois livros para a discussão sobre os estudos que abordam temas ligados ao exílio que são: “Fora do Lugar”² onde ele analisa sua própria experiência nas transições de lugares feitas por ele e como esses deslocamentos foram importantes para a construção de sua identidade. Em seu livro “Reflexões sobre o exílio”³, Said discute como o deslocamento pode transformar e alargar os olhares acerca da realidade de quem vive essa experiência, para ele a transição entre países e culturas diferentes fazem com que cresça a percepção sobre as “realidades simultâneas”, ou seja, compreendem a pluralidade cultural e políticas.

Compartilhando preocupações semelhantes, podemos citar o sociólogo jamaicano Stuart Hall (1932-2014), que possui estudos voltados para análises de conflitos gerados como decorrência das transformações das identidades, migrações e gêneros. Hall estudou sociologia em Oxford e após se formar dirigiu centros e revistas ligadas a sociologia, com temas voltados para a discussão dos conflitos gerados pela modernidade. Em seu livro “*A identidade cultural na pós modernidade*”⁴, Hall apresenta processos formadores de novas identidades, que serão resultados das migrações e dos novos embates causados pelas descolonização e pela formação de novos estados.

Acompanhando os estudos pós colônias o teórico literário Homi Bhabha(1949), professor em Harvard e que possui diversos livros que discutem temas ligados a globalização, a transformação e a formação de estados pós coloniais. Bhabha nasce em Mumbai, na Índia e se forma pela *University of Mumbai* em literatura, termina seus estudos em Oxford. Seu principal livro é “*Local da Cultura*”⁵, onde ele propõe um novo caminho aos estudos ligados ao pós colonialismo; Bhabha ressalta a importância das dinâmicas de fronteiras, onde toda a experiência é mutante, ou seja, esta sempre em trânsito. Para Bhabha esses trânsitos se transformam em novas conexões, formando assim um novo lugar, ou melhor um entre lugar. Esse entre lugar nasce das conexões

²SAID, Edward. *Fora do Lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

³SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

⁴STUART, Hall. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

⁵BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998

feitas pela cultura do colonizado com o colonizador, criando assim uma nova forma de interpretação e concepção sobre o mundo.

Esses três autores percorrem caminhos que buscam compreender as narrativas de imigração ocasionadas pelas políticas do século XX, nesses casos ligadas ao colonialismo que necessitam ser transformada e traduzida para a formação de um novo estado. Esse trânsito cultural é formado pela ligação entre diversos lugares que até então viviam geograficamente e historicamente separados. Além de lidar com o mesmo objeto de estudo, esses teóricos possuem em comum uma trajetória de vida migrante, onde o sentimento de não pertencimento se transforma em estudos e teorias que tentam abarcar a formação da modernidade.

Há a partir dos anos 1940 do século XX, uma crise de pertencimento ocasionada pelos deslocamentos - forçados pelas políticas étnicas de regimes totalitários (Nazismo e Fascismo) - que desestruturaram a dinâmica social e individual. Para o sociólogo Stuart Hall, essas dinâmicas sociais modernas, como os deslocamentos forçados, foram decisivas para o nascimento de novas concepções de identidade, pois romperam com as tradições até então sólidas, fragmentando o indivíduo moderno. Em sua teoria a identidade pode ser compreendida através de três eixos: o sujeito iluminista, o sociológico e o pós moderno. O sujeito pós moderno - que foi formado a partir das imigrações ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial - era composto por múltiplas identidades e por variações que ocorreram ao longo do tempo.⁶ Não havia mais uma estrutura social que o identifique, a sua identidade se transforma continuamente. Mas essa vicissitude ocorreu em um ambiente conflituoso, estando sempre em negociação com o mundo que os rodeia. A ideia de tradição sofreu um abalo na segunda metade do século XX, devido ao grande fluxo de pessoas e ideias em trânsito.

Em seu livro “Origens do Totalitarismo”, Arendt debate o conceito de apátrida e problematiza o deslocado a partir de dois eixos: o antissemitismo e o imperialismo. Para a filósofa, essa experiência desmantela a política como campo da pluralidade e alteridade desencadeando uma falta de liberdade de expressão e ação sobre o mundo em que se vive. Portanto, essa experiência única de governo totalitário não pode ser confundida como um governo tirano e nem por uma ditadura, segundo Arendt: “(...) o totalitarismo criou instituições políticas inteiramente novas e destruiu todas as tradições sociais, legais e políticas do país. Independentemente da tradição especificamente nacional ou da fonte espiritual particular da sua ideologia, o governo totalitário sempre transformou as classes em

⁶STUART, Hall. A identidade cultural na pós modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

massas, substituiu o sistema partidário não por ditaduras uni partidárias, mas por um movimento de massa, transferiu o centro do poder Exército para a polícia e estabeleceu uma política exterior que visava abertamente ao domínio mundial”⁷

Em março de 1933, Alice e Marte Brill viajam para a ilha de Maiorca, na Espanha.⁸ Nesse momento, Alice Brill sai da escola e para não perder o ano letivo a professora pede que ela faça um diário sobre sua viagem, descrevendo aspectos culturais e políticos dos lugares por onde ela passasse. É nesse momento que começa uma narrativa singular sobre o exílio, ela ganha do pai uma câmera fotográfica (Bela Box) e a partir de então, começa a registrar as cidades por onde passou fugindo do nazismo. Apesar de ter concluído sua tarefa escolar ainda na Espanha, Brill não abandonou a câmera e registrou todos os lugares que passou durante o tempo em que esteve se deslocando. Ao longo de todo o percurso, ela fez registros fotográficos, totalizando 200 fotografias que narraram esse trajeto. Esse documento não será analisado aqui, mas ele traz à tona a riqueza de um material singular, não só pela questão política que circundava Alice Brill, mas também por se tratar de uma narrativa imagética, onde ela utiliza o recurso da fotografia para demonstrar os seus sentimentos e as experiências vividas naquele momento. Há também outra característica única, pois nesse documento Alice Brill apresenta a sua experiência nos três países em que passou (Espanha, Itália e Holanda) antes de chegar no Brasil. Essa narrativa deixa claro não só a luta contra o anti semitismo mas também como ela interpretou suas experiências em cada um desses países. Um exemplo dessa narrativa é o poema abaixo, feito por ela ao longo do deslocamento e anexado ao diário, nele fica explícito a vontade de ter um lugar onde ela possa estabelecer uma moradia, sua perspectiva sobre o mundo e também sua busca pela paz.

Grande é o mundo,
A pátria, pequeninha,
O lugar que eu gosto,
Lá eu quero viver,
com você, minha mãezinha!
Lá construímos uma casa no mar,
E nenhuma saudade vai nos alcançar.
Lá a paz sua vitória celebrará
E nunca, nunca Guerra haverá!
Lá também vivem bem os animais,
que um disparo não ouvem jamais.
Quando então se levanta a lua sobre o mar,

⁷ARENDDT, Hannah. Origens do totalitarismo Antissemitismo, imperialismo e totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Pag. 611

⁸ALARCON, Daniela. Diário íntimo. A fotografia de Alice Brill. São Paulo, 2008.Pag. 51

Eis que somos felizes, felizes sem parar!
E desde as galáxias resplandecentes
Chegam milhares de estrelas cadentes,
Elas parecem na água afundar,
como se fossem também se afogar.
E no terraço, que a gente já pode ver,
Seu mais lindo livro vai aparecer!
No qual virá seu fiel coelhinho
Sem pedir licença enfiar o focinho
Porque ele com fotos quer te agradar.⁹

Ao chegar na Espanha, em 1933, sua mãe iniciou uma pesquisa sobre os autos da Inquisição espanhola que documentam as perseguições a judeus marranos levadas a cabo na ilha durante o século XVII.¹⁰ Ainda em 1933, elas seguiram para a Itália, pois Marte Brill não conseguiu emprego na Espanha e decidiu ir para Florença, por imaginar que haveria mais possibilidades de empregos; Marte Brill já tinha morado na Itália e acreditava que lá elas teriam melhores condições, porém o que ela encontrou foi uma Itália imersa no fascismo. Lá, elas sofreram por sua condição de exiladas e, principalmente, por serem judias, não vendo outra saída, Marte Brill decidiu voltar a Hamburgo, pois tinha recebido uma carta do editor chefe da revista em que trabalhava oferecendo uma passagem para um país da América do Sul, o Brasil.

Em 1934, elas chegaram a cidade de Hamburgo, uma cidade completamente diferente daquelas em que elas tinham saído em 1933, segundo a própria Alice Brill: *“A cidade tinha uma aparência estranha, rapazes e moças marchavam em uniformes nazistas entoando canções nazistas, e todas as paredes estavam cobertas de propaganda.”*¹¹ Lá, Alice Brill foi entregue ao pai, pois sua mãe estava organizando a vinda dela para o Brasil. Durante esse período, ela foi para a Holanda e ficou morando com a irmã de seu pai, aprendeu a língua holandesa e frequentou a escola até sua partida para o Brasil.

Marte Brill chegou ao Brasil e começou a trabalhar como secretária, enquanto Alice Brill permanecia com o pai na Holanda. Seis meses após sua chegada, ela conseguiu organizar a documentação da filha para a vinda dela e de Eric Brill. Eles embarcam em um porto francês, Brill descreveu a viagem como: *“(…) uma jornada terrível. Eu estava chocada com a situação dos imigrantes miseráveis que quase não tinham pertences, alojados no convés do navio. A comida era escassa e muito pobre e*

⁹Poema escrito em alemão por Alice Brill, em seu diário de viagem. O poema foi traduzido por Thiago Scarelli..

IBIDI. P. 85

¹⁰IBIDI. P. 57

¹¹IBIDI. P. 60

tinham insetos em nossa pequena cabine”¹². Chegaram ao Brasil pelo porto do Rio de Janeiro e ficaram instalados na ilha de Paquetá durante seis meses por conta dos contatos de trabalho que Eric Brill possuía, após esse período os dois vão para São Paulo ao encontro de Marte Brill.

O pai de Alice Brill voltou para a Alemanha em 1936, pois não se adaptou ao Brasil. Lá ele foi preso duas vezes: a primeira em 1937, ficando preso até 1941, após sua liberdade Eric Brill tentou fugir para a Rússia; e, pela segunda vez, é preso ainda em 1941. Eric Brill foi levado para Riga, capital da Letônia, ficando no campo de concentração de Jungfernhof. Alice Brill recebeu, em 1946, apenas um telegrama avisando que seu pai estava preso, ela só foi descobrir o que de fato tinha ocorrido em 1947, em Nova York, quando sua avó relatou que Eric Brill tinha morrido em 1944.¹³

As compreensões sobre a experiência que Eric Brill viveu e a de Alice Brill e Marte Brill são diferentes, pois Eric Brill não se adaptou a nova realidade no Brasil e assim retornou a Alemanha, tendo um fim trágico, já Marte Brill e Alice Brill apesar de todas as dificuldades de adaptação em um novo país conseguiram “superar” e transformar a realidade em que elas viviam. Portanto, há dois tipos de experiências de exílios, como a historiadora Silvana Jessen descreve em seu artigo “*Exílio e Historia Reciente. Avances y perspectivas de un campo em construcción*”, para Jessen: “*será fundamental diferenciar nitidamente “estar em El exilio” de “sentir se exilado”*”¹⁴. Desta forma, Alice e Marte Brill compreende que experiência de exílio traz a possibilidade de uma nova visão de mundo, ou seja, elas re-significaram a experiência e encontraram na arte um ponto de apoio; no caso de Marte Brill na Literatura e Alice Brill na Fotografia e nas Artes Plásticas. Enquanto a experiência de Eric Brill se mantém presa a um passado que não será mais recuperado, onde não conseguia visualizar novas alternativas para o presente.

Para a filósofa Hannah Arendt, os governos tirânicos, na figura de homens que os representam, utilizam o isolamento como forma de manter um poder coeso, pois desta forma os homens se colocariam uns contra os outros. Assim não haveria um conjunto de indivíduos que se rebelaria contra o governo, já que o isolamento provoca a falta de ação presente nos homens. O isolamento, portanto, está no âmbito político e não corresponde a vida privada, esse processo de isolamento passaria a invadir o privado

¹²IBIDI. P. 64

¹³ALARCON, Daniela. Diário íntimo. A fotografia de Alice Brill. São Paulo, 2008.

¹⁴JENSEN, Silvana. Exílio e Historia Reciente. Avances y perspectivas de un campo en construcción. Aletheia, vol 1, número 2, mayo 2011.P. 2

nos governos totalitários, para Arendt ele é nomeado como solidão, que neste caso significa a perda de pertencimento ao mundo em que os rodeia – não há mais um reconhecimento sobre as atitudes tomadas, não existe assim uma causa para as ações – a partir dessa solidão, o homem a passar apenas a existir sem transformar suas experiências em significados para a sua existência. Essa solidão se dá quando não existe mais um reconhecimento de comunidade. Segundo Arendt: “Enquanto o isolamento se refere apenas ao terreno político da vida, a solidão se refere à vida humana como um todo. O governo totalitário, como todas as tiranias, certamente não poderia existir sem destruir a esfera da vida pública, isto é, sem destruir, através do isolamento dos homens, as suas capacidades políticas. Mas o domínio totalitário como forma de governo é novo no sentido de que não se contenta com esse isolamento, e destrói também a vida privada. Baseia-se na solidão, na experiência de não se pertencer ao mundo, que é uma das mais radicais e desesperadas experiências que o homem pode ter.”¹⁵

A solidão provocada por governos totalitários, gerou uma reação negativa quanto ao mundo vivido, Alice Brill demonstrou esse sentimento de solidão em diversas cartas, para transformar essa experiência Brill criou novas esferas de apoio, como a arte e a literatura, uma vez que não se poderia aceitar ou acreditar em um estado ou pátria. Brill aos poucos, constrói uma identidade híbrida que não estava vinculada a um passado e o presente estava sempre em movimento, fazendo com que sua identidade estivesse em contínua mudança.

A sociedade e a cultura estão sempre em movimentos, elas se cruzam e se adaptam as novas formas de pensamento, portanto as ideias estão sempre em transformação. Assim também é a identidade de pessoas que passam pelo exílio, elas se adaptam e re significam suas concepções de mundo, ao se transformarem elas criam lugares abstratos ou um “terceiro lugar”¹⁶, já que as ideias não fazem nem parte do lugar de origem e nem são caracterizadas pelo lugar onde se encontram, gerando um pensamento e uma experiência única, híbrida. Ao utilizar o conceito de “entre lugar” Homi Bhabha”, propôs demonstrar que o colonizado não adquire apenas a cultura do colonizador, que ele se integra e re-significa, colocando-se em uma experiência única e criando assim um novo espaço de compreensão e vivência. Portanto, as idéias sociais e culturais foram transformadas e assim adaptadas uma nova realidade, não fazendo mais parte de um passado sem a colônia e nem de um presente colonial, elas se reintegram

¹⁵ARENDR, Hannah. *Origens do totalitarismo Antissemitismo, imperialismo e totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. P. 634.

¹⁶BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

criando algo novo, nas palavras de Bhabha: “O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre lugares” fornecem terrenos para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade.”¹⁷

A proposta de Bhabha coloca em discussão as novas concepções de mundo e tempo, já que não há mais um tempo contínuo entre passado e presente, e sim nova realidade que nasce ou um “espaço de intervenção”, segundo Bhabha. O tempo é reconstruído a todo momento, criando assim a sensação de instabilidade, o presente se torna constantemente mutável e traz a sensação de inconstância e mutabilidade presente nas obras de artistas e intelectuais que viveram a experiência de exílio. Ao perderem seus laços de comunidade e por compreenderem que estavam vivendo uma mudança completa nas relações políticas e culturais, acabam sendo criados lugares abstratos para interpretar a nova realidade e transformar traumas. Assim a experiência de Alice Brill pode ser compreendida através da arte e da fotografia. Portanto, neste trabalho o “entre lugar” se insere para Alice Brill nas diversas formas de arte que acompanharam toda a sua trajetória, começando com um diário de fotografias, a pesquisa em diversas técnicas de pintura como o batik, aquarela e pinturas em tecido.

Para Bhabha a arte renova o passado e não pode ser vista apenas como uma forma de expressão, portanto a arte para Alice Brill se torna o “entre lugar”, compreendendo que ela não é um ponto de fuga, mas sim a única forma de sobrevivência. Nesta compreensão da arte como um lugar seguro, onde existe a possibilidade de sobrevivência e renovação, compreende-se que esses artistas vivem em condições extra territoriais e abstratas.

Alice Brill sempre esteve em contato com arte, apesar de ter trabalhado como secretária em empresas privadas, livrarias e como professora. Aos 16 anos começou a estudar com o pintor e amigo de seu pai Paulo Rossi Osir¹⁸, dessa experiência Brill possui várias influências de Osir, sendo a maior delas o valor dado a técnica que pode ser visto nas suas pinturas de batik e na fotografia. Osir funda em 1940 a Osirarte, grupo que tinha como o foco o trabalho em azulejos para recuperar elementos da arquitetura

¹⁷BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. Pag. 20

¹⁸Osir era pintor e arquiteto (1890-1959), possui uma carreira consolidada quando esteve com Alice Brill. Sua formação vem de escolas italianas, pois sua família tinha origem italiana. Defendia a modernidade sempre com ênfase na técnica.

colonial.¹⁹ Alice Brill, também teve como professores durante a década de 1940 a pintora húngara Yolanda Mohalyi e o pintor Aldo Bonadei.

Durante esse período Alice Brill enfrentou problemas no Brasil por ser alemã; o governo de Vargas em 1942 intensifica sua política contra a imigração e cria leis que restringem a circulação dentro do território brasileiro aos cidadãos de origem japonesa, italiana e alemã. Por conta das restrições impostas pelo governo, Brill precisava de autorização para qualquer viagem feita dentro do estado de São Paulo, a partir de um prontuário ele recebia uma autorização para fazer suas viagens. Os prontuários estão arquivados no DEOPS/SP, e existem vários prontuários expedidos por Alice Brill, entre eles esta o pedido de uma viagem a Itanhém, no dia 10 de março de 1945. O documento possui não só o pedido de Brill para a viagem, mas também seu país de origem, seu endereço e quantidade de dias que pretende se ausentar da cidade de São Paulo. Ao analisar o prontuário fica claro como as políticas do governo de Getúlio Vargas estavam restringindo a circulação de pessoas que não possuíam nacionalidade brasileira.

Alice Brill, nesse período trabalhava como secretária de uma companhia inglesa, porém com o início da guerra Brill perde o emprego, segundo Alice Brill: *“a guerra estava se aproximando e quando ela começou, eu fui demitida por ser considerada cidadã alemã! Eu era agora inimiga dos ingleses, apesar de os alemães terem há muito cancelado nossa cidadania. Eu me senti traída e desamparada”*.²⁰ Nesses dois momentos fica claro como Brill não possui uma pátria, pois por não ser brasileira ele necessita de autorizações para suas viagens e por ser considerada alemã, apesar de não poder viver na Alemanha, ela é demitida de seu emprego. É importante ressaltar como o contexto político e social da época acabam transformando mesmo que de forma involuntária a vida de Brill.

Em 1946, Brill viajou para os Estados Unidos, com intuito de estudar arte na Faculdade de Artes da Universidade de Novo México em Albuquerque, através de uma bolsa que ela obteve na instituição judaica, a Fundação Hillel para Refugiados. Lá em uma carta ela descreveu como se sentia: *“O problema é que vivo ainda no século passado... Quero aquela luta pela liberdade, aquelas colônias de artistas, aqueles artistas e poetas que se foram todos... [...] É horrível, pertencer a um mundo já morto, ainda moça. Compreendes?”*²¹

¹⁹O trabalho mais conhecido do grupo foi a decoração do Ministério de Educação e Saúde Pública, o edifício Capanema, projetado por Oscar Niemeyer e construído entre 1937 a 1943 no Rio de Janeiro. A Osirarte encerra suas atividades em 1959.

²⁰ALARCON, Daniela. Diário íntimo. A fotografia de Alice Brill. São Paulo, 2008. P. 97.

²¹ALARCON, Daniela. Diário íntimo. A fotografia de Alice Brill. São Paulo, 2008. P. 136.

Alice Brill, encontrava-se em Nova York quando escreve esta carta, lá ela deparou com novas possibilidades de arte entre elas a fotografia, que irá acompanhá-la como profissão na volta ao Brasil. O trecho desta carta dá a possibilidade de notar um sentimento comum entre as pessoas que passaram pela experiência de exílio, há em todos um sentimento de passado utópico, não podendo confiar no presente e no futuro, acabam tornando o passado algo glorioso, Said deixa claro esse sentimento: “Por mais que tenham êxito, os exilados são sempre excêntricos que se sentem sua diferença (ao mesmo tempo que, com frequência, a exploram) como um tipo de orfandade. Aqueles que realmente não têm lar consideram uma afetação, uma exibição de modismo de ver alienação em tudo o que é moderno. Agarrando-se à diferença como a uma arma a ser usada com vontade empedernida, o exilado insiste ciosamente em seu direito de se recusar a pertencer a outro lugar”²²

De volta ao Brasil, ela encontrou São Paulo em plena transformação, o parque industrial crescia rapidamente financiado pelos lucros do café, consolidando uma sociedade urbano industrial. Alice Brill após voltar dos Estados Unidos começou a trabalhar como fotógrafa, como primeira experiência nesse campo ela investiu em buscar contatos com a revista americana “Life”, apresentando o trabalho produzido em uma mina de carvão no sul do Brasil feita no ano de 1946, porém não recebeu nenhuma resposta. Logo após ela fez outra viagem a Corumbá (centro oeste do Brasil) com o intuito de fotografar as comunidades indígenas, para isso ela participou de uma expedição organizada pela Fundação Brasil Central (FBC) que tinha o intuito de apresentar os trabalhos concluídos pela fundação para o debutado Café Filho²³, porém, Brill se decepcionou já que passou apenas duas horas em contato com os indígenas, parte deste trabalho foi apresentado pela revista Habitat, onde Alice Brill trabalhava.

A Habitat foi o principal meio de circulação das fotografias de Alice Brill, ao longo da década de 1950 ela participou de várias matérias publicadas pela revista e foi uma das que mais produziu fotografias para a revista Habitat. A Revista foi editada e criada por Lina Bo Bardi e Pietro Bardi tinha como intuito trazer novas propostas para assuntos ligados a arte, arquitetura e cultura. Segundo Lina Bo Bardi: “*Habitat*” significa ambiente, dignidade, conveniência, moralidade de vida, e portanto espiritualidade e cultura: é por isso que escolhemos para título desta nossa revista uma

²²SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Pag. 55.

²³Café Filho (1899-1970) se tornaria presidente do Brasil em 1954.

palavra intimamente ligada à arquitetura, à qual damos um valor e uma interpretação não apenas artística, mas uma função artisticamente social.”²⁴

A revista “Habitat” teve sua circulação ligada ao MASP (Museu de Arte de São Paulo), durante esse período Alice Brill participa de atividades do MASP e do MAM, sendo uma das fundadoras do MAM. É importante ressaltar que os dois museus possuíam objetivos similares que visavam a formação de público, através de atividades pedagógicas.

A partir dos anos de 1960, Alice Brill se desvincula da “Habitat” para focar em seu trabalho com artista plástica, nesse período ela começou a desenvolver pinturas em Batik e aquarela e passou a dedicar todo o seu tempo para as artes plásticas. Em 1961 ela deu início a graduação em filosofia na PUC-SP e logo depois fez sua pós graduação em arte pela Universidade de São Paulo, tornando se em seguida professora universitária. Brill em suas pinturas continua explorando os temas vinculados a metrópoles e suas conseqüências, ela também publicou livros vinculados aos temas ligados a arte, entre eles “Mario Zanini e seu tempo” e “Samson Flexor”. Brill morre em 2013 e deixando um acervo singular, por abarcar diversos campos da arte e por sua experiência pessoal.

Referências:

- ALARCON, Daniela. Diário íntimo. A fotografia de Alice Brill. São Paulo, 2008.
- ARENDRT, Hannah. Origens do totalitarismo Antissemitismo, imperialismo e totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BARDI, Lina Bo. Lina Bo Bardi São Paulo Imprensa oficial e Instituto Lina Bo Bardi, 2008.
- JENSEN, Silvina. Exílio e Historia Reciente. Avances y perspectivas de un campo en construcción. Aletheia, vol 1, número 2, mayo 2011
- PARADA, Maurício Barreto Alvarez. . A fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro: a elite carioca e a s imagens da modernidade no Brasil dos anos 50. Revista Brasileira de História , São Paulo, v. 27, p. 113-128, 1995.
- RIBEIRO, Adelia Maria M. “Intelectuais no exílio: onde é a minha casa?” in: Dimensões, vol. 26, 2011, p. 152-176.

²⁴Lina Bo Bardi – 3 edição SP: 2008. Imprensa oficial e Instituto Lina Bo Bardi. Pag. 64

RIBEIRO, Adelia Maria M. “Intelectuais, diáspora e cultura: por uma crítica anti moderna e pós colonial” in: *Mouseion*, n. 12, 2012, p. 41- 55.

<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/viewFile/402/408>

(visualizada no dia 26/06/15)

SAID, Edward. *Fora do Lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

STUART, Hall. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

TRAVERSO, Enzo. *La Historia como campo de Batalla – interpretar las violências del siglo XX*”.